

Na segunda noite de competição, o longa paulista *Trabalhar cansa* instiga o público com uma combinação inusitada de drama social, horror e comédia



Fotos: Carlos Moura/CB/D.A. Press

A produtora Sara Silveira (D) e a equipe de *Trabalhar cansa* antes da exibição do longa, no Cine Brasília: "Amo este festival, amo este público. Sempre que subo aqui, me tremo toda"

QUERIDO ESTRANHO

» TIAGO FARIA
» YALE GONTIJO

Primero, o riso. Logo em seguida, o susto. Diante das surpresas de *Trabalhar cansa*, longa-metragem exibido na segunda noite da mostra competitiva do Festival de Brasília, as duas reações às vezes se embaralhavam. Escolher apenas um gênero cinematográfico para definir a criação da dupla Juliana Rojas e Marco Dutra parecia inviável. Mas, sem abandonar poltronas, o público do Cine Brasília aceitou a provocação dos diretores paulistas e acompanhou com curiosidade o concorrente de maior prestígio internacional na disputa por Candangos. Exibida na mostra paralela Um Certo Olhar (no Festival de Cannes) e finalista do prêmio Sundance/NHK, a produção oscila entre o realismo social, o horror e a comédia dark. Trata, acima de tudo, de um tema que é familiar aos espectadores: os tormentos da classe média.

"A estranheza do filme às vezes não é tão bem recebida pelas pessoas", admitiu Marco Dutra durante o debate de ontem, no Hotel Kubitschek Plaza. "No início, tínhamos uma sinopse sobre relações de trabalho. Mas, como gostamos de elementos bizarros, desenvolvemos o argumento, inserindo morbidez na história", comentou. A combinação inusitada, no entanto, não afugentou os brasilienses. "As pessoas riram nos momentos em que o humor era o forte, se assustaram...", observou Juliana Rojas, logo após a projeção. "Senti que o público embarcou na nossa ideia, e percebeu as nuances de suspense, drama e comédia", avaliou Dutra, que exibiu em Brasília, há seis anos, o curta *Concerto número 3*.

O duo, estreante na competição de longas, instigou a plateia ao mergulhar pacientemente no inferno doméstico de um casal (Helena Albergaria e Marat Descartes) ameaçado pelos assombros do desemprego e das relações entre patrão e funcionário. Segundo Juliana, o tom medonho de algumas cenas foi encenado sem baques, numa progressão tranquila às experiências dos curtas da dupla, como *As sombras* (2009) e *Um ramo* (2007). "Os elementos de terror provocam um outro tipo de reflexão. Na minha família, de ascendência indígena, muitas histórias eram contadas. Aprendi a lidar de uma forma natural tanto com o realismo quanto com a fantasia", explicou a diretora. "O público da cidade é muito exigente, gostei muito da reação no fim", comentou a produtora Sara Silveira.

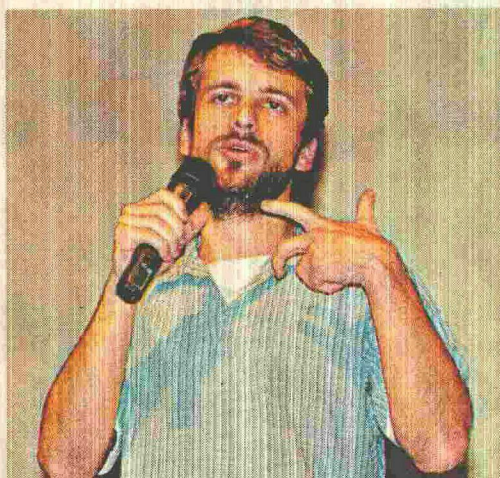
Prestígio

Na apresentação dos filmes da noite, foi Sara quem dominou a cena. Habitué do Festival de Brasília, onde exibiu os longas vencedores *É proibido fumar* e *Bicho de sete cabeças*, ela afirmou que fez questão de inscrever *Trabalhar cansa* na capital — e que, para não ficar de fora da edição, adiou a data de lançamento do filme, que estreia logo após o evento. Exibido no Festival de Paulínia "por questões contratuais" (foi coproduzido pelo polo cinematográfico), o

CRÍTICA// CURTAS

Moby Dick (animação), de Alessandro Corrêa. *Remotas possibilidades para um amor perdido puxam a linha de nostalgia na narrativa, revestida de idealização e da estética construtivista russa, mas que reluz, em conteúdo, arte naïf.* (Ricardo Daehn) ★★

2004 (animação), de Edgard Paiva. *Ambientando o filme em redoma de silêncio, o diretor consegue demonstrar um discreto esforço de personagens solitários, que, introspectivos, pretendem romper com a comunicação nula e angariam, pela singeleza, alguma simpatia.* (RD) ★★



"É UM FILME DIFÍCIL, COM TAKES LONGOS. FIQUEI MUITO FELIZ E EMOCIONADO COM A FORMA COMO ELE FOI RECEBIDO"

RAFAEL URBAN, DIRETOR DO CURTA *OVOS DE DINOSAURO NA SALA DE ESTAR*

longa venceu o troféu de melhor som e um prêmio especial do júri. "Amo este festival, amo este público. Brasília tem um negócio engraçado, sempre que subo aqui, me tremo toda. Este é um dos lugares que mais respeito, o meu templo", comentou a produtora, aproveitando o momento para um apelo político. "Fiquei muito feliz quando vi Brasília protestando contra a corrupção no dia 7 de setembro", elogiou, sob aplausos.

Apesar do entusiasmo nos discursos, o filme não deixou o Cine Brasília com estatura de franco favorito. Para uma parte da imprensa que compareceu à sala da Asa Sul, a exibição provocou uma inevitável sensação de déjà-vu — um grupo de jornalistas que já havia conferido o filme abandonou a sessão logo após os curtas. A reprise, no entanto, não incomodou o ator Marat Descartes, que só começou a analisar o filme depois das sessões de Cannes e de Paulínia. "É interessante. Cada vez que assisto, enxergo camadas que eu não havia reparado", analisou o intérprete do personagem Otávio.

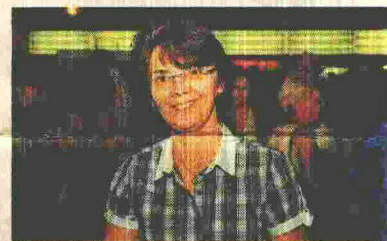
Curtas em alta

Mais do que o longa da noite, no entanto, foi o curta paranaense *Ovos de dinossauro na sala de estar* que conquistou a maior adesão do público — os aplausos mais fortes da edição, até aqui. O documentário retrata, em planos fixos, o

Ovos de dinossauro na sala de estar, de Rafael Urban. *Hábil em captar o espírito de constrição do rigor alemão, a realização perde o ritmo que dialoga com o estilo de vida da severa protagonista, disposta a entabular um sentimento de amor petrificado.* (RD) ★★

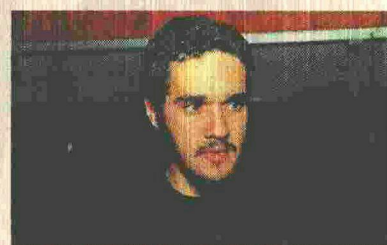
A casa da vó Neyde, de Caio Cavechini. *A isenção de uma câmera, por vezes acanhada, caminha num fio de navalha, ao abordar, sem reservas, os sentimentos conflitantes no coração de uma mãe esforçada em impor a nobreza da afeição na vida quase perdida do filho entregue ao vício do crack.* (RD) ★★★★★

EU FUI...



"TRABALHAR CANSA É MEIO BIZARRO. TEM ALGUNS MOMENTOS DE SUSPENSE E, AO MESMO TEMPO, É SOBRE EMPREGO. O TÍTULO É BEM DIFERENTE DO CONTEÚDO, MAS GOSTEI. O FESTIVAL ESTE ANO ESTÁ BEM MAIS LEVE"

ADRIANA NUNES, CINEASTA



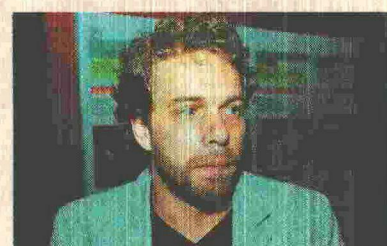
"O FILME PRENDE O ESPECTADOR, GOSTEI MUITO. COMEÇA DE UM JEITO E TERMINA DE OUTRO. ACHEI SURPREENDENTE. QUANTO À MOSTRA, GOSTEI DE TEREM MISTURADO DOCUMENTÁRIOS COM OUTROS SEGMENTOS"

ANORÉ RIBEIRO, ESTUDANTE DE AUDIOVISUAL



"É UM FILME INTRIGANTE, MUITO BEM DIRIGIDO. AINDA TENHO ALGUMAS COISAS PARA DIGERIR, MAS DEU PARA ENTENDER QUE ELE TRABALHA COM AS QUESTÕES DA CLASSE MÉDIA"

ELISABETE BARBOSA, PRODUTORA DE TV



"UM FILME BOM COM ÓTIMAS INTERPRETAÇÕES. O QUE MAIS ME INTRIGOU FOI QUE, NO FIM, ALGUMAS COISAS NÃO SE RESOLVEM. ELES USARAM UNS ELEMENTOS PARA O SUSPENSE QUE NÃO SE EXPLICARAM DEPOIS. A PESSOA SAI DA SALA E A HISTÓRIA CONTINUA. É INTRIGANTE"

JOÃO VELHO, ATOR

■ Colaboraram Maíra de Deus Brito e Mariana Moreira